

## O caos tailandês

Richard Bernstein

*O Estado de S.Paulo*, 31.5.2010

### **Tensão entre opositores e governo em Bangcoc ilustra fracasso de modelo democrático encorajado pelos EUA**

Uma semana antes de o Exército tailandês enxotar manifestantes antigoverno de Bangcoc e despachá-los de volta a seus lares rurais, um repórter presente no briefing diário do Departamento de Estado em Washington perguntou se havia "implicações mais amplas" sobre democracia naquele país.

"Creio que este não é um momento para declarações gerais", respondeu o porta-voz do departamento, Philip J. Crowley. "Há divisões fundamentais na sociedade tailandesa, e a única maneira de resolver isso e desenvolver uma sociedade civil participativa é com negociações pacíficas." É compreensível que Crowley não tenha desejado enveredar por considerações "gerais" no momento em que o confronto em Bangcoc atingia seu clímax na semana passada. Afinal, esse tipo de coisa já aconteceu antes na Tailândia, e, de todo modo, há legiões de assuntos estrategicamente mais graves preocupando os EUA hoje.

Mas, agora que os tumultos imediatos parecem ter abrandado, talvez seja o momento de considerar aquela pergunta do repórter sobre as implicações para a democracia. Aí vai o meu palpite: o caos de Bangcoc foi um evento extremamente importante e desestabilizador quando visto das áreas distantes dos EUA porque ilustrou o fracasso de um modelo democrático que Washington sempre encorajou, não só no Sudeste Asiático, mas em todo o mundo.

Fragilidade. E, com a maioria dos países na vizinhança da Tailândia - incluindo China, Mianmar e Vietnã - seguindo alternativas autoritárias de partido único, a maneira democrática de fazer as coisas está parecendo bastante frágil e instável na Ásia. "Quem realmente se beneficia com o fato de a Tailândia tornar-se um Estado mais fraco e mais dividido?", perguntou Robert D. Kaplan, pesquisador sênior no Center for a New American Security, no exato momento em que a crise tailandesa avançava para seu clímax. Sua resposta: os chineses.

"Durante décadas, a Tailândia foi o baluarte americano no Sudeste Asiático - forte, estável, uma anfitriã confiável para as forças militares dos EUA que realizavam exercícios conjuntos com os tailandeses todos os anos. A Tailândia era a carta na manga dos EUA na região desde a Guerra do Vietnã. Sendo assim, com a Tailândia

tornando-se um Estado muito mais fraco que já não merece total confiança, o que eu chamo de a sombra sutil, nuançada, da China sobre a região cresce rápido." A democracia tailandesa nunca foi exatamente uma coisa totalmente estável funcionando bem. Episódios como o que irrompeu em Bangcoc já ocorreram antes. A democracia tailandesa enfraqueceu-se pela corrupção endêmica, incluindo a compra gritante de votos nas zonas rurais.

Entretanto, sempre houve um rei forte e reverenciado para impor um certo grau de moderação e estabilidade, e havia os militares que, com certa relutância, assumiam o poder quando as coisas realmente fugiam de controle. A situação tailandesa parece diferente agora que o rei, de 82 anos, está doente.

"A Tailândia tem tido basicamente um sistema pelo qual a elite de Bangcoc pouco se importa com um governo do interior desde que ela possa decidir quando esse governo deve mudar", disse Karl D. Jackson, diretor do programa de estudos sobre o Sudeste Asiático na Escola de Estudos Internacionais Avançados da Universidade John Hopkins.

"De 1992 a 2001, houve governos de coalizão fracos que foram basicamente descartados quando sua corrupção tornou-se grotesca demais." O sistema parece ter sido permanentemente conturbado pela eleição do agora exilado Thaksin Shinawatra em 2001. Ele era o tipo de populista carismático que é produzido às vezes por democracias, em especial durante períodos de incerteza.

Popularidade. Shinawatra era, e continua sendo, tremendamente popular entre os pobres rurais que forneceram os soldados rasos para os recentes protestos em Bangcoc, mas o establishment tailandês o viu como um corrupto, um notório comprador de votos rurais e uma ameaça à própria monarquia.

E aí, aquilo que se menciona normalmente como a elite de Bangcoc o alijou do poder em 2006, preparando com isso o terreno para o impasse político que tem prevalecido desde então. "O problema fundamental do sistema político tailandês é que a maior parte do dinheiro está em Bangcoc e a maioria dos votos fora de Bangcoc", disse Jackson.

Haverá alguma saída para isso? Uma possibilidade é que as duas principais facções da política tailandesa, a elite de Bangcoc e a maioria interiorana, possam tirar uma lição da violência recente e moderar seu comportamento, mas isso poderia perfeitamente significar, quando vierem as próximas eleições, que seja eleito um outro governo pró-Shinawatra ou do tipo Shinawatra.

"A Tailândia não está tão mal assim", disse Kaplan. "Não há conflito étnico, é forte o sentimento de identidade nacional, e sua economia é bastante promissora. Por pior

que Shinawatra possa ter sido, após um período de esfriamento, ela não terá outra escolha senão realizar novas eleições, aconteça o que acontecer." Mas Kaplan admite que a Tailândia pode ser um país mais fraco, menos garantido e menos confiável do que foi no passado, e isso não é bom para o prestígio do curso político defendido pelos EUA. Nesse sentido, é fácil imaginar o que líderes em lugares como Pequim vêm dizendo uns para os outros com o desenrolar dos acontecimentos em Bangcoc: algo como "pela graça do presidente Mao, lá vamos nós".